



Educação de jovens e adultos: alfabetização, letramento e tema gerador, um desafio constante

Luciane Furiatti

Professora da rede municipal de Curitiba, na Escola Municipal Sônia M^a Coimbra Kenski e Escola Municipal Foz do Iguaçu Especialista em Geopolítica pela Faculdade Integradas Espírita e graduada em Estudos Sociais Licenciatura Plena em História
E-mail: luciane.furiatti@gmail.com

Bruno Dallari

Doutor e mestre em Psicolinguística pela Unicamp

Marineta Martins

Mestre pela Universidade de Aveiro, em Portugal
Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná

RESUMO

O artigo tem como objetivo a pesquisa-ação, voltada para intervir na realidade social. Desenvolve a prática de alfabetização e letramento, utilizando o tema nordeste brasileiro, assunto selecionado devido as expectativas do grupo de alunos no qual foi aplicado. A partir do tema e com a intenção de realizar atividades relacionadas à dinâmica da Educação de Jovens e Adultos (EJA), visa elucidar a importância da prática de alfabetização, letramento e tema gerador para atender aos estudantes da EJA, nas suas especificidades.

Palavras-chave: EJA, Alfabetização, Letramento, Nordeste brasileiro.

INTRODUÇÃO

O índice de analfabetismo de jovens e adultos, na faixa etária de 15 a 70 anos, ainda é elevado no Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) corresponde a 8,6%. A modalidade EJA atende educandos que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola em tempo apropriado. Isso se deve, em sua maioria, a fatores que se referem ao baixo nível socioeconômico, a falta de oportunidades e a omissão do governo. Essa falta de estudos na idade correta acarreta consequências severas para as pessoas e para o país. Aqueles que têm a oportunidade de frequentar a escola posteriormente, muitas vezes, não conseguem concluir seus estudos ocasionando outro fato preocupante, a evasão desses jovens e adultos.

Diante da complexidade existente a respeito do analfabetismo em nosso país, em especial à Educação de Jovens e Adultos, surge o questionamento: as metodologias utilizadas pelos educadores da EJA e o material pedagógico utilizado conseguem atingir o interesse dos alunos, facilitando as práticas de ensino e aprendizagem?

Discutir essa questão significa pensar em políticas públicas reparadoras e desenvolver práticas de ensino e aprendizagem, numa dinâmica metodológica que atinja o interesse dos educandos, superando o fracasso escolar e a evasão.

O artigo tem o objetivo de buscar práticas pedagógicas embasadas no conhecimento teórico de letramento e alfabetização. Tem o intuito de possibilitar o aprendizado eficaz dos educandos e auxiliar na produção de conhecimento sobre a cultura nordestina. De tal maneira, minimizar o preconceito que o povo nordestino sofre, criando no grupo em questão um sentimento de pertencimento a um grupo social modificador da realidade.

A metodologia utilizada é a qualitativa, com a realização de entrevista semiestruturada. A pesquisa foi aplicada e desenvolvida durante o ano de 2015 com os alunos da EJA da Escola Municipal Foz do Iguaçu, em Curitiba. Sendo a turma pesquisada multisseriada, com 16 alunos matriculados e 10 frequentando assiduamente.

Em razão de, coincidentemente, o grupo apresentado estar relacionado diretamente com questões que permeiam o preconceito, especificamente ao povo nordestino, a escolha do tema “nordeste brasileiro” surgiu diante do fato dos estudantes, sentirem-se constrangidos com críticas feitas

ao povo nordestino devido ao resultado das eleições para presidente em 2014, críticas essas que foram postadas nas redes sociais.

DESENVOLVIMENTO

A trajetória histórica da educação no Brasil é permeada pela exclusão social. No Brasil Colônia, a educação era assegurada apenas à elite. Na primeira metade do século XX, o censo de 1940 nos indica que para ser considerado alfabetizado era necessário apenas escrever o nome. Em outra definição censitária, a de 1950, ocorre uma ampliação da exigência, o indivíduo deveria também ser capaz de escrever um bilhete simples para ser considerado alfabetizado.

As exigências do mercado de trabalho, as questões políticas e a influência de organizações internacionais ampliam o conceito de alfabetização revelando índices negativos para o país. Segundo o IBGE, no último censo constatou-se que 14 milhões de jovens e adultos são considerados analfabetos, o que afeta setores distintos como falta de qualificação profissional, elevado índice de pobreza, desperdício de recursos naturais, mas principalmente o não exercício da cidadania por milhões de brasileiros que nem sequer têm consciência de seus direitos de cidadãos. (CHAVES, 2008, p. 06-07).

Muitos foram os programas implementados pelo governo federal para melhorar o índice de analfabetismo de jovens e adultos, entre eles apenas os que estavam ancorados nos trabalhos de Paulo Freire ofereceram mudanças de paradigmas pedagógicos pois eram baseados em diálogo e educação crítica. Esses programas foram instintos sob o julgo da Ditadura Militar (1964) que os denominava subversivos. (CHAVES, 2008, p. 13-14).

No período da Ditadura Militar (1964 – 1985), o governo implementa o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), criado com o intuito de alfabetizar jovens e adultos, com a intenção de “erradicar” o analfabetismo do país e melhorar as condições de vida do educando. Nesse período, a educação é centralizada no governo federal e sua proposta é bastante diferenciada da de Paulo Freire.

Em 1967, o governo reassumiu o controle da alfabetização de adultos, e cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), objetivando apenas a alfabetização funcional. Os jovens e adultos eram ensinados por pessoas que se dispunham a promover o ensino. Os colaboradores em sua maioria também possuíam baixo nível de estudo, poucos eram professores com formação no magistério e conhecimentos pedagógicos e com domínio didático. (MARTINS, 2014)

O Programa Alfabetização Solidária (1996), em parceria com municípios, empresas e universidades, não conseguiu assegurar ou consolidar a aprendizagem, um dos entraves foi a contratação de profissionais não qualificados para essa modalidade.

Retificar distorções ideológicas do passado é responsabilidade do governo e de toda sociedade, mas a escola é o espaço privilegiado para promover a equidade social, sendo ela responsável pelo desenvolvimento das habilidades cognitivas do educando mas também, pela promoção do exercício da cidadania e pela inserção, na sociedade, de jovens e adultos que foram excluídos do processo educacional formal no tempo adequado.

A inegável prioridade conferida à educação das crianças e adolescentes, porém, tem conduzido a uma equivocada política de marginalização dos serviços de EJA, que cada vez mais ocupam lugar secundário no interior das políticas educacionais em geral e de educação fundamental em particular. Essa posição resulta da falta de prioridade política no âmbito federal, o que se reflete no comportamento das demais esferas do governo; consequentemente, também a sociedade atribui reduzido valor a essa modalidade de educação. (MEC, 2007: 19)

O aluno da EJA, ao retornar ou ingressar no processo de escolarização, traz consigo seus conhecimentos anteriores, sua história na sociedade. Desenvolve estratégias para solucionar problemas relacionados ao mundo letrado, os quais enfrenta no seu cotidiano, carrega o estigma de analfabeto ou semianalfabeto, sofre preconceito por não dominar a língua padrão, socialmente aceita. Está em contato diariamente com diferentes tipos de textos, vive em uma sociedade letrada, mas não participa integralmente dela. Necessita apropriar-se do sistema alfabético de escrita e também da ampliação e compreensão de diversos gêneros de textos, orais e escritos.

Para maior eficácia no aprendizado dos educandos, faz-se necessário, a compreensão e valorização dos seus saberes construídos ao longo dos anos, e, a partir deles, novos saberes deverão ser construídos. Para Freire (1999, p.52), “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

No processo de alfabetização e letramento, cabe ao educador embasar seus conhecimentos em teorias que subsidiem suas práticas de ensino e aprendizagem.

A aprendizagem da leitura e da escrita é muito mais ampla que decodificar e codificar. Segundo Magda Soares, letramento que traduz o termo inglês *literacy* e que significa “O estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever” (SOARES, 1998, p. 7). A autora esclarece:

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: O estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (SOARES, 1998, p.18)



A autora enfatiza a importância do letramento associado a alfabetização e como esse, o letramento, encontra-se nas diversas estâncias da vida e ultrapassa os saberes encontrados apenas nas instituições escolares:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita a alfabetização - e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita: o letramento. (SOARES, 2000, p. 20)

É através do respeito e compreensão dos saberes anteriores produzidos pelos educandos, e da alfabetização e letramento, que profissionais da educação, podem realizar um trabalho pedagógico mais consistente na alfabetização. Desfazendo sutilmente o equívoco desses estudantes, que muitas vezes já frequentaram a escola tradicional e esperam ainda a repetição e memorização das sílabas e palavras, não dando crédito ao texto. É responsabilidade do educador utilizar estratégias pedagógicas que demonstrem a importância de outras formas de aprendizado. Para isso, é primordial valorizar os saberes construídos dos educandos e promover a apropriação do Sistema de Escrita Alfabético, que deve partir de textos significativos para assessorar e efetivar o processo de alfabetização.

Neste trabalho, para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, a maioria dos

estudantes encontra-se em processo de alfabetização e neste momento a oralidade é mais adequada diante da complexidade das respostas. Iniciou-se com a dinâmica da teia, em uma roda de conversa, como forma de descontração e para relembrar os fatos ocorridos em 2014; a divulgação de comentários maldosos e preconceituosos contra os nordestinos, o que causou indignação nos estudantes e estes sentiram no ambiente escolar um local seguro para discussões sobre o assunto.

No dia em que foi realizada a dinâmica, dos sete estudantes presentes, três eram nascidos no nordeste, dois eram descendentes diretos de nordestinos e dois nascidos no norte do Paraná.

As respostas foram transcritas em ordem, porém, muitas vezes, havia comentários de perguntas anteriores que foram transcritas no momento em que eram relatadas, e outras perguntas foram feitas no contexto. A identidade dos entrevistados foi preservada.

Durante a realização da dinâmica, que tinha por objetivo a coleta de dados, observei os educandos apreensivos, o que é uma característica comum em alunos de EJA. Quando lhes expliquei a importância do assunto em questão ser debatido, descontraíram-se um pouco.

No início, as perguntas foram objetivas, o que facilitou a descontração, porém, ao interpelar sobre seus sentimentos ao chegarem aqui, houve um silêncio. Uma das alunas que possui uma personalidade extrovertida iniciou sua fala, então os outros também se sentiram à vontade. As respostas foram unânimes, sentiram-se inferiorizados pois encontraram preconceito, foram excluídos pela cor, pela maneira diferente de falar e também pela condição financeira. Todos lembraram de situações em que foram humilhados, sentiram vergonha pois são rotulados como “povo burro”, não sentiam reciprocidade nas pessoas porque “aqui no sul todos são muito fechados”.

Nas perguntas 7 e 8 “Edson” pronunciou-se rapidamente. Disse que sua vontade é de voltar, que sofre muito por estar longe da família, porque as pessoas o hostilizam, quando não entendem o que ele fala e dão risada. Neste momento, sua expressão facial mudou, seu semblante ficou entristecido, ele olhou para baixo e disse que veio para cá para ganhar dinheiro mas que ainda não conseguiu, e que não queria voltar “assim”, fez um gesto com as mãos demonstrando-as vazias. Seus colegas ficaram preocupados e foram solidários, disseram palavras positivas, e demonstraram amizade genuína.

Quanto às suas reações diante do preconceito, disseram que sempre aceitaram calados e suas sugestões foram “pedir ajuda” por meio do combate ao preconceito em programas da mídia, pois acreditam que ela interfere na maneira de pensar das pessoas. Também sugeriram se unir e fazer uma passeata con-

tra o preconceito aos nordestinos, da mesma forma que os homossexuais fazem, pois eles estão obtendo resultados positivos. Nesse momento, não houve expressão nenhuma de preconceito ou discriminação por parte do locutor da frase ou de seus companheiros, que acharam uma boa ideia.

Discutimos sobre as leis contra o racismo, assunto que já havia sido abordado em momentos anteriores. Os participantes acreditam que a lei é importante mas chegaram à conclusão que ainda serão vítimas do preconceito velado, “aquele do olhar diferente”. Concordaram com um dos estudantes que disse que é através do conhecimento e do estudo que “se chegará a algum lugar”, e que as pessoas que tem preconceito são ignorantes.

Diante dos dados coletados, foram desenvolvidas ações significativas de acordo com a temática. Foi selecionada a música Asa Branca, de Luiz Gonzaga, e sua biografia, a arte de Mestre Vitalino, literatura de cordel, receita de paçoca de colher, e também textos que exaltam a importância do nordeste na construção do Brasil.

As atividades foram estruturadas de forma a otimizar a prática sistemática de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, constando: escrita e leitura de palavras e frases, contagem de letras, sílabas e palavras, comparação de palavras quanto a presença de sílabas iguais ou diferentes, palavras maiores ou menores que outras, identificação de palavras que rimam, produção de frases ou texto coletivo, ordem alfabética.

A diversidade de textos contribui para que o trabalho se efetive nos dois ciclos. Leitura e interpretação oral com a participação de todos e posteriormente direcionamento das atividades específicas para o ciclo em que cada estudante encontra-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornar o espaço da sala de aula um ambiente vivo e dinâmico, trazendo questões relevantes para o educando, faz com que se sinta motivado. Dessa forma, acontece a participação ativa dos sujeitos, que traz ao menos a reflexão e a esperança de uma sociedade mais justa para todos. Sem dúvida, é uma maneira de aproximação entre educando, educador, escola e sociedade. Para isso, é necessário que educandos se apropriem e conheçam sua própria história e construam a partir dela novos conhecimentos e que esses sejam relevantes para o seu cotidiano.

Durante o desenvolvimento das atividades, os estudantes apresentaram envolvimento com o assunto, decréscimo no número de faltas, maior participação na oralidade, inclusive com citações de suas experiências e vivências anteriores. Tudo isso demonstra uma participação ativa dos educandos no processo de aprendizagem. Tornou-se necessário permear as aulas com textos envolvendo a proposta, mas também outros temas inicialmente não relacionados, para que não ocorresse o empobrecimento da proposta, devido ao excesso de seu uso. Com isso, houve a necessidade de ampliação do tempo previsto.



Anexo 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA / QUESTIONÁRIO

Foram feitas as seguintes perguntas:

1. Qual cidade nasceu e até quantos anos morou nessa cidade?
2. Se gostava de morar na cidade natal. Quais os pontos positivos e quais os pontos negativos dessa cidade?
3. Se lembravam de comentários sobre morar no sul?
4. Qual era a ideia que eles faziam do sul?
5. Qual foi o motivo principal da mudança de cidade?
6. Quais foram os primeiros sentimentos que surgiram ao chegar aqui?
7. E hoje quais são suas expectativas?
8. Se sentem preconceito por serem nordestinos e se enfrentam alguma situação preconceituosa?
9. Como reagiram, ou como seria mais acertado reagir diante do preconceito?
10. Sugestões para acabar ou diminuir o preconceito.

Anexo 2

RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS NA ÍNTEGRA

Com relação a pergunta número dois, todos se colocaram de maneira positiva, disseram que gostavam da cidade natal e que sentem saudades dos costumes, do clima, dos familiares e dos amigos. “Fabrícia”, manifestou-se de forma diferenciada no início.

Fabrícia – Eu não sinto falta nem de onde nasci, nem de São Paulo, gosto mesmo é daqui.

Referindo-se as perguntas 2, 3, e 4:

Almir – Só sabia que no Sul era bom para ganhar dinheiro, vim para Curitiba porque minha irmã já mora aqui e está melhor que lá. Lá não dá para ganhar dinheiro.

Fabrícia – Meus pais vieram para ganhar dinheiro e ganharam, já conseguiram emprego no que chegaram em São Paulo, eu mesma só vi dinheiro quando casei e daí vim para Curitiba. Em São Paulo, trabalhei muito, acordava às quatro da manhã, e não dormia antes das onze, aqui também trabalho até hoje, mas tenho casa e não falta nada, criei três filhos com faculdade e tudo, um morreu de acidente. É, acontece.

Joana – Quando vim do interior do Paraná só pensava em voltar. Mas meus pais diziam que não dava, lá a gente passa fome.

Edson – Vim para ganhar dinheiro, mas não ganhei nada tô louco pra voltar, mas não quero ir assim....

Inês – Era muito pequena, passava fome lá e passei aqui. Melhorei quando casei ainda bem que foi aqui, se fosse lá tava com fome até hoje.

Amanda – Vim do interior do Paraná e foi bem difícil, diziam que a gente era bicho do mato

Com relação as perguntas 6 e 7:

Almir – Curitiba era como minha irmã falou, mais limpa e dá para estudar, não é tão perigoso. Tenho saudades mas gosto daqui.

Fabrícia – Quase morri com as pessoas me olhando, só porque sou mais escurinha.

Joana – Eu gosto daqui. Depois não queria mais voltar.

Edson – Quando cheguei, já quis voltar, aqui olham torto pra gente, não fazem amizade.

Amanda – Já tô acostumada, eu também não sou de amizade fácil.

Maura – Eu sempre faço amizade, nem ligo pros outros, o que eles pensam.

Pergunta 9:

Inês – Sofri muito, quase não tinha preto aqui e eu era olhada inteira.

Almir – Uma vez tava andando na rua de noite e as meninas atravessaram, eu sei que estavam com medo, deve ser porque sou preto.

Edson – Tenho vergonha porque não falo que nem vocês, os outros tiram sarro, dão risada

Fabrícia – Mas em São Paulo é muito pior. Nossa lá não dá para ser preto. Não dá pra ser pobre também.

Joana – Uma vez ia na festa quando era moça, aí as meninas não quiseram que fosse com elas porque eu tava com o vestido velho, elas não gostavam de pobre, mas era bem bonito o vestido e tava limpinho.

Edson – Falam que nordestino é povo burro, aqui é todo mundo fechado.

Maura – Mas na escola não, aqui todo mundo é amigo e se ajuda.

Almir – Eu finjo que tá tudo bem quando sou humilhado, não vou retrucar.

Anexo 2 (continuação)

Edson – Vou aguentar, quando juntar dinheiro volto, quero ver minha família.

Fabrícia – Tiravam sarro, se fechavam, agora eles que apanhem, tô muito bem, obrigada.

Diante das sugestões para diminuir o preconceito:

Edson – Ir a programas de TV, esses tipo “Ratinho” e pedir ajuda, pedir para acabar com o preconceito que o nordestino sofre.

Achei propício nesse momento aprofundar o assunto “mídia”. Então perguntei se eles achavam que a mídia e os meios de comunicação interferem na opinião das pessoas.

Maura – Sim, pro bem e pro mau. Vejo nas novelas, todo mundo fala sobre o que está passando, dá opinião.

Almir – A gente devia se unir e fazer uma passeata contra o preconceito aos nordestinos, da mesma maneira que os homossexuais fazem, pois eles estão conseguindo, tem resultado, não tão mexendo com eles.

Durante a dinâmica perguntei sobre as leis que existem contra o racismo. Já havíamos discutido no ano anterior, a respeito dos direitos dos cidadãos.

E a discussão sobre o tema, infelizmente foi relatada com pessimismo por parte dos educandos.

Almir – São importantes, mas não vão acabar com aquele olhar porque você é preto.

Fabrícia – Não vai adiantar nada, o preconceito sempre vai existir.

Maura – Deve ter algum jeito de pelo menos aliviar o preconceito.

Diante do pessimismo que havia se instalado, quis saber se através da educação poderia mudar alguma coisa e o que eles sabiam sobre a história e os problemas da seca no nordeste e porque lá havia tanta pobreza.

Almir – É pelo conhecimento que acaba, ajuda a acabar com o preconceito, é com estudo que se chega a algum lugar. Uma vez perguntaram no serviço da minha irmã se ela carregava lata na cabeça, ela só riu, Salvador é uma cidade grande, os problemas são outros, quem pergunta isso é que é burro. Falta informação.

Edson – É, a gente tem que estudar para dizer que não é assim que é lá. Eu quero saber porque o governo deixa tanta gente pobre morrer de fome num lugar tão bonito.

Fabrícia – Tem que fazer novela pra mostrar que tem gente boa lá, enquanto a gente estuda aqui, que a gente não assiste novela não!



Referências bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes para uma política nacional de educação de jovens e adultos**. Cadernos de Educação Básica. Brasília, 1994

CHAVES. Santana Suely. A importância do letramento na educação de jovens e adultos. **Revista Filosofia Capital** – ISSN 1982 – 6613 vol.3, edição 7, ano 2008

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 10ª edição – paz e terra – São Paulo – 1999.

MARTINS. Marinita. **Educação de Jovens e Adultos: um paralelo entre Brasil e Portugal**. Mestrado em Ciências da Educação - Universidade de Aveiro, PT, 2014.

SOARES. Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 2ª edição – autêntica – Belo Horizonte – 2000.